

Quem lê e quem escreve? Evaristo A. de Castro e as revistas literárias

Isléia Streit*

Who reads and who writes: Evaristo A. Castro and the literary magazines.

Abstract

This article discusses the political history of the period of transition between Empire and Republic in southern Brazil, through the life of Evaristo Affonso de Castro published in articles of the journal Aurora Sierra. We intend to contribute to the maturing of researches on the political history and the lives of characters whose actions outdid those of regular local despotism.

Keywords: political history; abolitionism; Evaristo Affonso de Castro.

¿Quién Lee y quién escribe? Evaristo A. Castro y revistas literárias.

Resumen

Este artículo trata de la historia política del período de transición Imperio / República en el sur de Brasil, a través de la trayectoria de Evaristo Alfonso de Castro en los artículos Aurora Sierra Magazine. Tenemos la intención de colaborar con la maduración de la investigación sobre la historia política y la trayectoria de personajes que supera los medios de acción de todos los días del despotismo local.

Palabras claves: La historia política. El abolicionismo. Evaristo Alfonso de Castro.

Resumo

Este artigo versa acerca da história política do período de transição Império/República na região sul do Brasil, por meio da trajetória de Evaristo Affonso de Castro nos artigos da Revista Aurora da Serra. Pretende-se colaborar com o amadurecimento de pesquisas referentes à história política e a trajetória de personagens que ultrapassaram os meios de ação corriqueiros do mandonismo local.

Palavras-Chave: história política; abolicionismo; Evaristo Affonso de Castro.

O final do século XIX é dotado de acontecimentos na estrutura política brasileira capazes de caracterizar o período com peculiaridades bastante férteis para pesquisas históricas. De um modo geral, nas sombras do nascente período republicano se projetavam os conceitos e as práticas políticas herdados do sistema colonial e também do período monárquico, adquirindo, em alguns cenários, reproduções vigorosas, somadas às estratégias de construção do “novo” poder institucional. Ou seja, discute-se o novo, novo regime de governo, nas estruturas

do antigo. (CARVALHO, 1997).

No campo das práticas políticas consolidaram-se estruturas de mando, articuladas a redes de poder e de mandonismo local, consolidadas ou em formação. Intituladas, em sua maioria, pelo conceito de coronelismo, atuaram nas instâncias políticas institucionais ou em consonância destas, em diferentes níveis. Ou seja, a história política tem se dedicado ao estudo da especificidade do poder local no Brasil, quer seja definido por coronelismo, patronagem, clientelismo, respeitando as características de ocorrência em níveis locais (municipais) e estaduais, seus entrelaçamentos e cooptações nas múltiplas realidades econômicas, sociais e culturais do país¹.

Na perspectiva de ampliar os estudos acerca da história política brasileira, associamos, neste texto, elementos da história cultural, tais como a trajetória de vida e a história intelectual no sentido

*. Ms.Universidade de Passo Fundo - UPF.

de significar o olhar da história política pelo viés da cultura. Sandra Jatahy Pesavento ressalta o político entre correntes do domínio da História Cultural quando anuncia a releitura do político sob este viés. Segundo a autora, “às vezes chamada de Nova História Política, essa postura resulta do endosso, pelos historiadores do político, dos pressupostos epistemológicos que presidem a análise na História Cultural”. (PESAVENTO, 2008, p. 75).

Desta forma, investiga-se a ação de líderes políticos e/ou personalidades locais atuantes em tal estrutura de mando republicana, e até antes dela, comumente acrescida de elementos de intelectualidade, seja na constituição deste poder político ou não. Assim, embebida no mundo das representações de poder, podemos amparar o presente estudo naquilo que os grupos ou os indivíduos utilizaram para acreditar em alguém ou em algo, constituindo elementos de poder simbólico e de coesão social. (PESAVENTO, 2008). Neste sentido, o objetivo central deste texto é reconstruir a trajetória intelectual do coronel federalista Evaristo Affonso de Castro, quando da sua atuação no Clube Aurora da Serra, discutindo o próprio conceito de intelectualidade vinculado à história política, suas prerrogativas historiográficas e seu casamento com a composição e manutenção da estrutura de mando local. Projeta-se, assim, um trabalho que relaciona discussões do político, sob a perspectiva da intelectualidade na constituição de um poder simbólico, de fato visível nos trâmites da formação republicana brasileira.

Evaristo Affonso de Castro nasceu na Freguesia de Santa Maria de Âncora, Distrito de Braga, Província de Minho, litoral de Portugal, em 17 de outubro de 1852. Com 12 anos de idade viajou para o Brasil, como grumete de um navio, desembarcando no porto de Rio Grande, Rio Grande do Sul, onde tratou de seus estudos num internato de uma ordem religiosa católica nessa mesma cidade durante alguns anos. Em 1884, se casou-se com Veridiana da Silva Prado, na cidade de Cruz Alta (RS), com a qual constituiu família, deixando quatro filhos, Eurydes, Carolina, Aldo e Lélío. Com exceção de Eurydes, ambos eram menores quando de seu falecimento em 21 de setembro de 1910, na colônia Saldanha Marinho, estado gaúcho, por ocasião de uma pneumonia dupla².

Nas duas últimas décadas do século XIX e na primeira do século XX, publicou quatro obras: *Notícia descritiva na região missioneira* (1887), *Gigante missioneiro* (ano da edição, 1951), *História de um crime emocionante* e *Histórico do Club Literário Aurora da Serra* (1887)³. Atuou frente à campanha abolicionista promovida pelo Clube Literário Aurora da Serra de Cruz Alta (RS) na década de 1880, promovendo antecipadamente a abolição dos escravos na cidade e participou da Revolução Federalista de 1893.

Para fins de contextualização, cabe lembrar que os anos iniciais da república sulina vivenciaram o conflito, silencioso e armado, de dois partidos políticos: Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e Partido Federalista. Desta constituição partidária surgiram os principais grupos rivais de enfrentamento, que carregaram a responsabilidade, para o primeiro grupo, da constituição do novo cenário político que se formava no estado; para o segundo grupo, da possibilidade de novas articulações com vista à manutenção do poder tido até então. (PICCOLO, 1998). Portanto, para fins de contexto analítico, os anos iniciais da república gaúcha justificam o estudo do personagem citado, servindo de pauta analítica seu passado intelectualizado, principalmente nos anos precedentes aos conflitos republicanos.

Seguindo nesta percepção, estudar a trajetória de Castro no Clube Aurora da Serra significa trabalhar com elementos da história política do Rio Grande do Sul, numa análise de escala reduzida e numa percepção de trajetórias individuais e familiares, de grupos sociais e redes de sociabilidade,

mapeando continuidades e rupturas na formação de uma cultura de poder própria do final do século XIX e início do XX. Afinal, está vinculado ao próprio conceito de intelectualidade permitir que tais personagens sejam considerados mediadores culturais e atores do político, relativamente engajados na vida política. Sirinelli (1996) nos ajuda nestas definições, no sentido de olhar a produção intelectual como uma história de forte teor ideológico, ainda mais quando nela estão associados aspectos que manifestem uma grande paixão. Neste sentido, a produção de Castro é espaço de análise para a construção de uma concepção de intelectualidade no período de transição monarquia/república no interior da província gaúcha.

A história dos intelectuais estudada neste texto está longe de um sentido de totalidade, especialmente a obra de Castro. Referente aos escritos do personagem no Clube Aurora da Serra, adota-se a própria percepção de construção da abordagem que a historiografia tem dado nos últimos anos ao intelectual e ao político, absorvendo críticas e apontando novas direções periodicamente. Colaborando nessa perspectiva, Francisco Falcon, na reconstrução da história das ideias, chama a atenção para os formatos de concepções obtidos por ela durante o século XX. Inicialmente a postura dos *Annales*, pouco simpática, condenando certo tipo de história das ideias, de viés positivista, feita de ideias descarnadas, coisificadas, e de estilo historizante. Porém, na observação de alguns de seus trabalhos, Bloch, com *Os Reis taumaturgos*, Lefebvre, com *O grande medo de 1789*, Lucien Febvre, com *Um destino*, Martinho Lutero, Erasmo, *A contra-reforma e o espírito moderno*, demonstram a possibilidade de realização de uma história da intelectualidade comprometida com uma análise, seja da coletividade, seja de psicologias individuais, seja englobando questões como a linguagem, como as crenças, a cultura popular, as concepções filosóficas, etc. (FALCON, 1997, p. 109).

As discussões historiográficas quanto ao próprio estatuto da ciência histórica e também dos limites e possibilidades de seus objetos e temas foram a partir dos *Annales* obtendo delineamentos e esclarecimentos. Tornaram-se mais plausíveis a partir da década de 1970, já então na terceira geração das discussões, apontando perspectivas de uma nova abordagem do real passado que coloca a História em alta novamente. (PESAVENTO, 2008). Com a história intelectual, não foi diferente. Na afirmação de Sirinelli, meados da década de 1970 significou um novo impulso para a história intelectual, no sentido de minimizar seu caráter indigno, obtendo aumento de estudos principalmente pelo âmbito do social. Às discussões da história da intelectualidade estão associados os esforços da história política e da história cultural, no interesse de seus pesquisadores por grupos sociais estatisticamente limitados, pelas contribuições da biografia, pela história do tempo presente, etc. Neste sentido, cabe aos pesquisadores deste aporte teórico ajudar na sua reabilitação, dando suporte teórico-metodológico capaz de mostrar sua função na construção historiográfica de seus cenários. (SIRINELLI, 1996).

No entanto, para uma primeira definição, cabe afirmar que o conceito de intelectualidade, há pouco (re)descoberto e investigado pela historiografia, está passando pelas definições pertinentes para sua consolidação como campo de análise da História. Utilizando-se desta prerrogativa na associação ao objeto desta investigação, concordamos com Silveira quando assevera que

Em meados do século XIX, quando um grupo de cerca de vinte jovens fundou a Sociedade Parthenon Litterario, ser um escritor no Brasil, era basicamente, ser um “homem de letras” completo: não havendo profissionalização alguma neste setor, quem desejasse fazer versos também deveria, para ser digno deste nome, ser historiador, filósofo, político e artista (SILVEIRA, 2008, p. 10).

Em consonância, a própria definição da conceituação de pesquisa ora tratada e diante do

rápido perfil biográfico já citado apresentando Evaristo Affonso de Castro congregando sua produção bibliográfica e sua atuação política no estado sulino, questiona-se: Será ele um intelectual? Será ele apenas um líder político em meio à rede de lideranças que se formaram nesse contexto peculiar gaúcho? Terá seus escritos objetivos vinculados com a formação política das gerações de leitores contemporâneos e futuros? Justificamos os questionamentos “entendendo que o poder se legitima não apenas pela coerção física, mas também por um conjunto de representações e práticas sociais que dizem aos agentes sociais das possibilidades de ação política, das formas de codificar e interpretar as disputas políticas”. (PACHECO, 2005, p. 99).

Sirinelli propõe duas questões que nos servem, ainda hoje, de parâmetro para responder a dúvidas como as que cercam nosso personagem de estudo. Para ele, o grupo de intelectuais, objeto de estudo, pode ser definido com o caráter sociológico e cultural que engloba os criadores e mediadores culturais, tais como jornalistas, professores, escritores, etc; bem como, definidos pelo cunho político, referindo-se àqueles engajados, direta ou indiretamente na vida das cidades. Ainda assim, nada impede que as duas posições possam ser trabalhadas de maneira articulada, na perspectiva de complementaridade, tendo em vista que a especialidade cultural do intelectual possa refletir sua postura política, ou vice-versa. (SIRINELLI, 1996).

Neste sentido, Evaristo se apresenta como um elemento aglutinador das duas perspectivas de análise, possuindo em sua trajetória a ação política e a atitude de intelectual com a publicação de escritos, ora manifestadoras de posturas ideológicas, ora apenas trazendo informações acerca do estado Rio-grandense.

Castro, membro do Partido Federalista, atuou nele como articulador da Revolução Federalista de 1893-1895, principal manifestação partidária ocorrida no estado gaúcho no processo de consolidação republicana. Na correspondência abaixo se anuncia tal participação, além da evidência de seu exílio fora do país.

Acampamento, março - 7 - de 1895.

Exm^o Prezado Sr. Coronel Evaristo de Castro

Hoje pelo nosso companheiro tenente coronel Galvão, soube da presença de V. Excia em San-Eugenio. Não tenho ainda a satisfação de conhecer à V. Excia. Pessoalmente, mas sei ser antigo e dedicado companheiro na causa santa da revolução rio-grandense. Por esse motivo, em vista das responsabilidades, que resultam da minha atual posição, tomo a liberdade de dirigir-me diretamente à V. Excia. A revolução conseguiu reaviver sob suas cinzas. Chegou o momento do esforço supremo. Guerreiro, Apparicio, Vianna, Gaspar Barreto, Zeca Tavares e tantos outros estão em campo sustentando a luta. Precisamos levar-lhes o auxílio de nossos braços. Eu mesmo aqui estou para prestar os elementos numerosos e bons de que ainda podemos dispor. Conto, pois, com o concurso de V. Excia e dos seus amigos mais íntimos. Dir-me-á V. Excia em que também posso auxiliá-lo de minha parte.

Aguardando a resposta de V. Excia antecipo aqui com os meus respeitosos cumprimentos a impressão de minha mais cordial estima.

De V. Exc^a. Campatriota e companheiro. Attento e gratíssimo

Luiz F de Saldanha da Gama

Reservamos-nos o direito de expor, ao longo do texto, algumas apreciações biográficas, concordando com Sirinelli no sentido de que a reconstituição da trajetória foi beneficiada pelos

estudos biográficos e seus itinerários políticos no sentido da composição de grupos homogêneos ou ao menos organizados em determinados contextos históricos. Neste sentido, as características de Castro compõem um quadro complexo de eventos e atividades. Sua ação como empresário do ramo jornalístico e do ramo de comercialização de terras, com uma companhia de colonização, escritor, abolicionista e maçom, vem confirmar perspectivas de pesquisa em que a análise de uma personalidade pode envolver ação política e intelectual⁴.

Assim, no conjunto das publicações de Evaristo, destacamos o texto Histórico do Club Literário Aurora da Serra, publicada pela Typografia do Commercial de Cruz Alta, em 1887⁵. Este, em suas setenta páginas, faz numa descrição das realizações do Clube Literário Aurora da Serra, das atividades da entidade, das principais ideias discutidas por seus membros, dos objetivos do grupo, etc. Salienta-se que é um registro histórico importante para a configuração da história da escravidão, em especial na região norte da província sulina, mas também acerca de vários elementos da própria cultura regional do período. (STREIT, 2003, p. 59-61).

Com relação a esta obra, identifica-se a trajetória da sociedade literária de mesmo nome, suas discussões, seu projeto de ação especialmente vinculado ao processo de abolição dos escravos de Cruz Alta e região. Nas páginas iniciais do livro, identificam-se algumas características da entidade e também concepções do pensamento do autor/personagem ora estudado:

Ao leitor

Propondo-nos a fazer o histórico do Clube Literário Aurora da Serra, reconhecemos que nos faltão as precisas habilitações para isso, mas o desejo que temos de tornar conhecida esta sociedade, a qual muito nos orgulhamos pertencer, nos leva a emprender um trabalho que reconhecemos ser superior à nossa obscura intelligencia. Seremos forçados a fallar frequentemente, em nossa obscura individualidade, mas não é a vaidade que à isso nos leva, mas sim, patentear àquelles que nos lerem, o quanto tem feito o CLUB Aurora da Serra, pelo bem da humanidade, e registrarmos aqui, os nomes de nossos consócios que tem feito jus, pelos serviços prestados à Liberdade e Instrucção, a consideração e respeito das gerações futuras. Ficaremos satisfeitos se conseguirmos nosso fim.

Cruz Alta, 1º de janeiro de 1887. Evaristo Affonso de Castro⁶. (CASTRO, 1887, p. 3)

Evaristo Affonso de Castro foi sócio fundador e presidente do Clube Aurora da Serra. A partir de dezembro de 1882, quando, por conta de sua iniciativa, formou o grupo convidando Guilherme Joaquim da Costa, Josino dos Santos Lima, João Pereira da Costa, Affonso Porto da Fontoura, Veríssimo José Lopes e João Adrião Bessa da Silveira. O objetivo principal era de “formarem uma palestra literária de incentivo ao estudo”. (CASTRO, 1887, p. 11).

O clube, com o objetivo principal de promover o desenvolvimento intelectual de seus membros, também tinha por meta angariar fundos para o movimento abolicionista. Desta forma, promoviam festas, quermesses que permitissem conseguir numerário suficiente para a compra da liberdade de escravos, além de, em caravanas e com banda de música, proferiam discursos e aclamações pela cidade e em frente às fazendas acerca da importância da libertação dos escravos para o desenvolvimento do país. (ROCHA, 1980).

A sociedade literária ou clube literário Aurora da Serra publicou, no período de janeiro de 1884 até dezembro de 1885, a revista mensal *Aurora da Serra*, sendo o principal órgão da entidade. Nesses vinte e quatro exemplares é possível identificar escritos tanto de Evaristo Affonso de Castro, como de

sua rede de sociabilidade, as posturas de pensamento quanto a temas como o progresso, a evolução social, as sociedades letradas, a mulher na sociedade, a literatura, a poesia, dentre outros. A revista *Aurora da Serra* alcançou espaços para além da região das missões, conforme acusa uma pequena publicação na revista do dia 1 de maio de 1884.

Sociedade Litteraria Felix da Cunha, Illm° Snr.

A directoria da sociedade litteraria Felix da Cunha accusa o recebimento da conceituada folha *Aurora da Serra*, da qual é V. S. digno redactor e immensamente agradece o serviço que a mesma sociedade presta V.S.

O jornal é sem dúvida um dos mais poderosos agentes do progresso e civilização dos povos, e tanto mais o e quando prega doutrinas puras e sãs que directamente influem no bem social; e n'estas circumstancias está a *Aurora da Serra*, que por certo alevantados serviços esta prestando, como órgão da distincta sociedade litteraria *Aurora da Serra*, a qual envia a Felix da Cunha fraternal amplexo. Porto Alegre, 25 de março de 1884. Olympio Tello de Araujo e Silva. (Revista *Aurora*, maio de 1884 – manteve-se a escrita original)

A referida revista *Aurora da Serra*, em sua maioria, dividia-se em sessões padronizadas, discutindo o mesmo assunto em todos os exemplares. Desta forma, identificam-se textos longos, ora assinados, ora não assinados, que estão distribuídos em cinco sessões nominadas: Abertura “*Aurora da Serra*”; Evolução social, O que é o progresso, Qual a influência da instrução na sociedade? Qual o dever de todo o livre pensador em relação à civilização atual?; Textos classificados como “Colaboração”, em que aparecem discussões referentes à Mulher e sobre o Abolicionismo; Poesias e crônicas. A revista não faz uso de ilustrações.

Os textos apresentam, em sua maioria, discussões que referendam leituras aprofundadas realizadas pelos membros da sociedade literária. Um exemplo disso são as referências que as colunas que tratam do progresso e da importância das letras enfatizam, citando as ideias de Galileu Galilei, as iniciativas de Cristovão Colombo, Fulton, Victor Hugo, Hegel, August Comte, dentre outros.

Em paralelo às iniciativas do Clube *Aurora da Serra*, registra-se o envolvimento de Evaristo Affonso de Castro noutro clube, chamado Academia dos Tímidos. O clube iniciou seu funcionamento em junho de 1885, sendo Castro o presidente eleito pelo grupo. O registro no livro de atas da entidade apresenta como sócios presentes nas discussões: José Annes Dias, Josino dos Santos Lima, João Lucas Dias e Guilherme Veríssimo da Fonseca. Tal entidade tinha como principal objetivo discutir os temas necessários para a formação do cidadão servidor da pátria, tais como, dentre tantos outros, discutir a presença da mulher da sociedade. (Livro de atas Academia dos Tímidos, 28 de junho de 1885).

O viés principal de apresentação do personagem, nesse texto, segue sua produção bibliográfica. Evaristo se dedicou ao registro de informações e dados, especialmente geográficos e históricos do Rio Grande do Sul, por mais de duas décadas, publicando suas obras no final do século XIX associadas ao vínculo pessoal que tinha com as letras e com a escrita. Podemos definir, desta forma, a formação da categoria/grupo “homens de letras” no interior da província sulina no final dos oitocentos.

Assim, a publicação dos textos de Evaristo Affonso de Castro no contexto da passagem do Império para a República, tratando especialmente dos temas relacionados ao abolicionismo, permite verificar a presença de um grupo de homens letrados, discutindo tais assuntos e temas no interior da província. Especialmente na *Revista Aurora da Serra*, tais afirmativas ficam evidentes. Será esse um elemento deflagrador de uma característica da história política e cultural do período de transição dos

sistemas de governo? Qual terá sido a abrangência social e cultural de tais ideias, materializadas na revista? Qual terá sido o alcance de tais discussões na sociedade local? Tomadas as proporções mais amplas, em nível nacional, revistas com tais características formaram uma homogeneidade, colaboradora na consolidação do novo sistema político e também em sua própria constituição?

Os questionamentos acima colaboram para avaliarmos a presença de um grupo de homens “letrados”, talvez caracterizados como intelectuais, mesmo que sem formação em espaços formais de ensino, formadores de opinião em regiões interioranas das províncias brasileiras. Muitos dos trechos da Revista Aurora da Serra conclamam a população. A seguir apresentamos fragmentos que servem como exemplo:

(...) A indiferença para as letras é um dos característicos mais acentuados da sociedade brasileira. Sem literatura propriamente definida em bases que possa dispersar o gosto ao povo que ignorante não sabe ainda compreender as importantes conveniências da instrução; assignar um jornal, comprar um livre, são despesas que não pode suportar, por que infelizmente entende que não precisa de jornal e tão pouco de livros. (...) (*Revista Aurora da Serra*, 1º de abril de 1884, manteve-se a escrita original)

Neste sentido, os registros escritos de Evaristo Affonso de Castro prenunciam a possibilidade de composição de uma intelectualidade interiorana vinculada às discussões político-partidárias da província gaúcha ou de poder local. Os escritos desse “homem de letras”, consciente da força e das possibilidades de formação de uma rede de sociabilidade em torno de elementos de um político e de um social em construção no período de transição Império/República elucidam práticas letradas do período.

Monica Pimenta Velloso tratando do modernismo e da questão nacional resgata a “geração de 1870” inserindo-a no contexto de movimento cultural ocorrido no Brasil no período de transição política. Para a autora, “é nítida nessa geração de intelectuais a mudança da percepção e sensibilidade sociais traduzidas no anseio de mudança no mundo da política”. (VELLOSO, 2008).

Ângela Alonso, ao estudar a “geração de 1870”, expressa aspectos inéditos para a percepção da intelectualidade e da política. Dá ênfase, em seu trabalho, à produção política e na ação pública da geração de 1870, fazendo uma abordagem que traz para o primeiro plano a “experiência compartilhada”, que visa abolir a distinção entre textos e práticas, teorias e escritos de circunstâncias, e privilegiar a tensão entre a obra e a experiência social dos autores. A autora apresenta as linhagens de interpretação do movimento intelectual oitocentista, que se baseiam apenas na filiação dos autores a temas universais, ou aqueles que o explicam pela posição social dos seus membros, acabando por pressupor a separação entre os campos intelectual e político e por perder seu caráter de ação coletiva. (ALONSO, 2002).

Ainda utilizando a configuração das décadas finais da sociedade brasileira, realizada por Alonso, pode-se afiançar que é no novo complexo social no qual emergiu a “geração de 1870” que foram configurados os laços de unidade para o grupo, o que une os representantes, divididos em liberais republicanos, novos liberais, positivistas abolicionistas e federalistas científicos. Não é a doutrina, a origem de classe ou a escola que frequentaram, mas sim a experiência comum de marginalização provocada pela dominação saquarema. (ALONSO, 2002).

No caso de Evaristo Affonso de Castro, seus aspectos de trajetória de vida intelectual ou de homem de letras vinculam-se às múltiplas ações realizadas por ele e seu grupo, associadas exatamente

ao universo dos marginalizados, daqueles que foram ignorados, no caso do Rio Grande do Sul, pela força do coronelismo e do mandonismo local alicerçado no PRR Castilhistas. Elementos que embasam as questões reflexivas acima, além de inquirir acerca das possibilidades que a estrutura de, ou em formação, do período de transição império/república foi capaz de fazer com seus personagens. As marcas sociais, culturais e políticas da fecundidade do período podem ser analisadas nas trajetórias da vida de muitos de seus personagens: Evaristo é um exemplo que está sendo possível resgatar.

Referências

ALONSO, Ângela. **Idéias em movimentos – a geração de 1870 na crise Brasil- Império**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados** vol. 40, n. 2, Rio de Janeiro, 1997. <Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>> Acesso em: 15.mai.2011.

CASTRO, Evaristo Affonso de. **Notícia Descritiva da Região Missioneira**. Cruz Alta: Tipografia do Comercial, 1887.

FALCON, Francisco. História das ideias. In: CARDOSO, C. F. & VAINFAS, R. (org.) **Domínios da história- Ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

GRYNSZPAN, Mario. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 14, out. 1990.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. A modernidade envolve o campo político: representações e práticas do processo eleitoral na Porto Alegre da década de 1920. In: **Revista Brasileira de História**. Vol.25, n. 50. São Paulo, Jul/Dec. 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PICOLLO, Helga. **Vida Política no século 19: da descolonização ao movimento republicano**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

ROCHA, Prudêncio. **A história de Cruz Alta**. 2. ed. Cruz Alta: Gráfica Mercúrio, 1980.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. **Dois pra lá, dois pra cá: Parthenon Litterario e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Ufrgs, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. São Paulo: FGV, 1996.

STREIT, Isléia Rossler. **Entre ditos e não ditos: o coronelismo e a imigração**. Passo Fundo: UPF, 2003.

VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: **O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. (O Brasil Republicano; v. 1).

Recebido em: 15/11/2012

Aprovado em: 30/12/2013

¹ Mário Grynszpan que define, em linhas gerais, a patronagem como uma relação por meio da qual se torna possível o acesso a bens, recursos, serviços e mesmo posições sociais que, de outra forma, não poderiam ser obtidos. Trata-se de um vínculo pessoal, vertical, entre indivíduos de status, poder e riqueza diferentes, uma relação assimétrica que se expressa mesmo através de uma troca desequilibrada, com fluxos de natureza distinta. (GRYNSZPAN, 1990, p. 01).

² Informações retiradas do inventário de Evaristo Affonso de Castro, município de Cruz Alta, estante 62, Cartório de Cruz Alta, número do processo 1150, março 34, ano 1910. Ver também: STREIT, Isléia Rossler. **Entre ditos e não ditos: o coronelismo e a imigração**. Passo Fundo: EDIUPF, 2003.

³ A primeira obra, em sua primeira edição, encontra-se arquivada no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; a segunda edição foi publicada sob a coordenação de Danilo Lazzarotto em 2009 na coleção *Museu Antropológico Diretor Pestana*, Editora Unijuí; a segunda obra foi fornecida por Jaci Castro Castilhos, neta de Evaristo; a terceira não foi encontrada e a última está no Arquivo da Estação Férrea de Cruz Alta.

⁴ O estudo acerca do envolvimento de Evaristo nas operações do partido federalista gaúcho e nos conflitos armados da região merece estudo particular, bem como sua atuação como empresário e como membro da maçonaria. Para este texto iremos nos dedicar apenas a percepção intelectual.

⁵ O livro *Histórico do Club Literário Aurora da Serra* é uma síntese da *Revista Aurora da Serra*. Para este texto, servirá de fonte primária a *Revista Aurora da Serra*.

⁶ Manteve-se a ortografia original que consta no livro *Histórico do Clube Literário Aurora da Serra*.